

VOZ DOS INVISÍVEIS: O ENSAÍSMO NA ESCRITA DE LIMA BARRETO

VOICE OF THE INVISIBLE: ESSAYISM IN THE WRITING OF LIMA BARRETO

Keila Mara Araujo¹

RESUMO: Este estudo reflete sobre o aspecto ensaístico da escrita de Lima Barreto e busca compreender, no projeto estético do autor, o tom de denúncia no diagnóstico de uma composição social degradante. A importância de sua obra se amplia na resistência crítica às estruturas de poder reproduzidas pela elite intelectual na construção de uma identidade cultural brasileira, ao mesmo tempo em que criavam um lugar outro para a população negra no período pós-abolição. A partir dos livros *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909) e os relatos de *O cemitério dos vivos* (1956), este trabalho discute os efeitos do pensamento ensaístico na escrita de Lima Barreto, como resposta às políticas racistas que conduziram a formação de uma identidade para a literatura brasileira no início do século XX.

Palavras-chave: Lima Barreto; racismo; crítica; identidade brasileira na literatura.

ABSTRACT: This study reflects about the essayistic aspect of Lima Barreto's writing and seeks to comprehend in the author's aesthetic project the tone of protest in the diagnosis of a degrading social composition. The importance of his *oeuvre* becomes more relevant in the critical resistance to the structures of power reproduced by the intellectual elite, in the construction of a Brazilian cultural identity, while created a place other to the working black people in the post-abolition period. From the books *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909) and the reports of *O cemitério dos vivos* (1956), this work discusses the effects of the essayistic thought in Lima Barreto's writing, as an answer to the racist politics conducted to the composition of an identity to the Brazilian literature in the beginning of the 20th century.

Keywords: Lima Barreto; racism; criticism; brazilian identity in literature.

1 Introdução

A escrita literária de Afonso Henrique de Lima Barreto não dissocia ficção, história, crítica literária e reflexão social. A publicação de seus ensaios, crônicas e romances em folhetim

¹ Doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). É professora na área interdisciplinar linguagens da Universidade Federal do Sul da Bahia.

teve início em revistas estudantis e, mais tarde, passou a estar presente em revistas literárias como *A Estação Teatral*, *Careta*, publicando também em folhetins de jornais, a exemplo de *Jornal do Commercio*. O autor tornou-se funcionário público e exerceu a função de escrevente na Companhia de Guerra, o que lhe garantia um salário. Apesar da experiência com as revistas e publicações em jornais, o escritor não encontra espaço em editoras para a publicação de seus livros e passa a ser seu próprio financiador. Motivado pelo alcance popular das revistas literárias, torna-se editor e diretor da *Revista Floral* e publica, em partes, os textos de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* em 1907. A revista sobrevive por apenas quatro edições. Em 1909, persiste e publica a obra em livro. Custeando as próprias impressões, Lima Barreto publica também *Aventuras do Dr. Bogoloff* (1912), *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1915), *Numa e Ninfá* (1915), *Vida e Morte de M. J. Gonzaga e Sá* (1919). A venda desses livros precisou ser feita a preço de custo para pagar as dívidas, conforme relata em *O cemitério dos vivos* (1919), a reunião póstuma de relatos de suas internações no manicômio.

Nesse tempo, a movimentação pela formação da identidade da literatura brasileira se consolidava em torno da Academia Brasileira de Letras, fundada em 1897, que se tornava a mais importante instância de consagração literária, assumindo uma função reguladora em torno da qual se formou um reduto restrito de escritores, em sua maioria homens abastados, com prestígio social e político. Nos ambientes da elite intelectual, não havia espaço para aspirantes periféricos, ainda menos para um escritor negro. A negritude de Machado de Assis era um fator que ficava em suspensão, como algo a não declarar, algo negado. Quando esta menção acontecia, usavam termos como *moreno*, segundo a distorção da miscigenação². A *Revista Floral* (1907) e todas as obras de Lima Barreto, insistentemente publicadas, criticavam diretamente o ambiente intelectual segregado. Tratava-se de um pensamento combativo, ciente de seu não pertencimento ao perfil de escritor vigente. A escrita do autor era conduzida de forma a defender a própria existência, visando à formação de um público leitor diferente daquele altivo, vaidoso, à espera de enredos que dialogassem com seus privilégios. Sua dicção literária assume o tom de crítica direta às classes dominantes, e constrói, a duras penas, uma estética literária com implicação política, cuja significação simbólica também pudesse se desdobrar em formação de consciência social e histórica. Assim, quando Lima Barreto invade o espaço literário e protagoniza, no Rio de Janeiro, a inserção do problema da segregação racial na literatura brasileira, ele está a cobrar um espaço de representatividade dentro do projeto de formação da identidade literária brasileira. Como puderam pensar em identidade cultural brasileira sem considerar a maior parcela da população na época e ainda hoje?

Lima Barreto narra o subúrbio do Rio de Janeiro, a periferia que se formava onde vive a população mais pobre, pessoas negras, como efeito das políticas de abandono pós-abolição. O fim da escravização foi decretado, antes de tudo, para favorecer a implantação de um regime baseado no trabalho remunerado destinado a impulsionar o consumo, alimentando a máquina do capital interno e externo. O racismo como centro do programa de embranquecimento impediu que a população negra fizesse parte de qualquer projeto de administração pública que não fosse a tática de excluir para deixar morrer, na pobreza.

² Afinal, como nos lembra o crítico literário e pesquisador Cuti, Luiz Silva, “Os brancos racistas não queriam e não querem heróis nacionais negros porque um herói gera consciência, esperança e mobilização da população dominada, e sua simbologia atinge a subjetividade como forte poder de arrebatamento por meio da identidade”. (Cuti, 2011, n.p).

Não houve, da parte dos liberais, nenhuma preocupação concreta definida por medidas relativas aos escravos libertos, com o destino da população negra. Os seus argumentos visavam ou tinham como destinatárias as elites brancas, de modo a convencê-las de que a imigração aumentaria o coeficiente de “massa ariana” no país: o cruzamento e o recruzamento acabariam por branquear o Brasil num futuro próximo ou remoto. (Houve quem pensasse que a solução da questão do negro após a Abolição deveria ser a extradição e a fundação de colônias na África, ou quem defendesse, como Sylvio Romero, a manutenção da escravidão até que os negros sucumbissem no terreno econômico pela concorrência do trabalho livre do imigrante europeu.) (Carone, 2016, p. 18)

Abdias do Nascimento nos diz que a linguagem de Lima Barreto é “quase tão livre como o falar do povo, e desdenhou aqueles escritores que se auto-encarceravam aos rigores gramaticais e estilísticos da língua portuguesa usada pelos acadêmicos do Brasil ou de além-mar” (Nascimento, 1978, p. 123). A reação da crítica literária à atitude de Lima Barreto de inserir em alguns textos a ação dos programas de exclusão racial foi apontar-lhe o que chamam de “ressentimento de mulato enfermo e suburbano”, a exemplo de Alfredo Bosi, em *História Concisa da Literatura Brasileira*, livro referência nos cursos de graduação em letras (Bosi, 2006, p. 318).

Lima Barreto logo percebeu que os esforços pela formação de uma identidade brasileira, pauta dos intelectuais do final do século XIX e início do século XX, sem considerar a grande parcela negra da população brasileira e as obras de autores(as) como Maria Firmina dos Reis, Luiz Gama e Lima Barreto, se configurava como um defeito incontornável que impediria uma real compreensão da cultura brasileira, devido aos muros de isolamento em torno de um pequeno grupo que se pensava europeu ou estadunidense. Por considerar tais questões, este estudo procura ir ao encontro da voz crítico-ensaística de Lima Barreto, recebida com incômodo por ser reação aos beneficiários dos regimes de exclusão, mas que se ergueu singular como clássico da literatura brasileira.

2 O pensamento ensaístico de Lima Barreto

Para lidar com a multiplicidade de temas e criar uma discursividade linguística capaz de assimilar dados históricos e sociais no texto literário, a escrita de Lima Barreto assume fluidez ensaística, pois o ensaio, desde Montaigne, torna-se uma forma textual aberta a todos os temas, possibilitando certa quebra na hierarquia do pensamento instituído. A voz de Lima Barreto é carregada de testemunho daqueles que não puderam dizer, vitimados pela maior barbárie da humanidade, o escravismo. As marcas mais profundas desse processo de exploração, o flagelo e o apagamento sob as premissas de raça e classe deixaram suas marcas na psicologia social do país, definindo “seus fatores decisivos, a injustiça, a iniquidade” que passam a constituir “a ferida de base de nosso país” e compor os parâmetros de “uma das piores desigualdades sociais do mundo”, sendo o Brasil um país traumatizado, como bem conclui Janine Ribeiro (1999, p. 10). O sociólogo discute o fato de que o Brasil “jamais ajustou contas com duas dores terríveis, obscenas, a da colonização e a da escravatura”, configurando-se como “uma terra destinada ao esgotamento de sua natureza vegetal e à exaustão de sua natureza mineral”, enquanto a escravização configurou as bases exploratórias das relações de trabalho no país “sob o modo do esgotamento e da destituição, no caso, do negro africano” (p. 11).

O processo prolongado e complexo da escravização, também para o teórico Stuart Hall, não é apenas um evento histórico, mas uma barbárie estrutural iniciada com o brutal tráfico transatlântico de africanos, que fundamentou a modernidade, o capitalismo e a formação das identidades contemporâneas:

A terra não pode ser 'sagrada', pois foi 'violada' – não vazia, mas esvaziada. Todos que estão aqui pertencem originalmente a outro lugar. Longe de constituir uma continuidade com os nossos passados, nossa relação com essa história está marcada pelas rupturas mais aterradoras, violentas e abruptas. (Hall, 2009, p. 30)

A escrita de Lima Barreto carrega as memórias coletivas de acúmulo de violências não suplantadas em 1888. O alcance político dessa literatura interfere também no aspecto formal dos textos de Lima Barreto, principalmente na predominância da linguagem coloquial e na mistura de gêneros literários na busca por uma escrita que realizasse um papel relevante para a consciência político-social dos leitores.

Lima Barreto, além de escrever textos ficcionais que incorporam crítica político-social, também reflete sobre a própria escrita e processos de criação, prática reflexiva que o aproxima ainda mais do ensaísmo. O ensaio oferece trânsito livre ao pensador, colocando-se em um entre-lugar que movimenta tensões entre as áreas do conhecimento, redistribui funções, e experimenta novas possibilidades para o pensamento e para a linguagem. Para além de um gênero, o ensaio é o caminho percorrido pelo pensamento crítico-reflexivo. Esse trânsito do ensaio, que vai desde a reflexão individual sobre eventos cotidianos aos conceitos mais densos da filosofia, da literatura, da política e das artes, faz com que os estudos sobre o ensaio se encaminhem para esferas mais complexas da investigação. No livro *Situación del ensayo* (2006), a pesquisadora Lilian Weinberg considera primordial enxergar o ensaio para além da materialidade do texto, porque o alcance das linhas discursivas do ensaio e sua função permanente de resistência em linhas de fuga fazem do ensaio uma estética do pensar. Nessa perspectiva, o ensaio não seria puramente uma forma textual, mas uma forma específica de pensar, compondo fluxos de compreensão específicos.

Na escrita de Lima Barreto, há fortes marcas ensaísticas também quando sua escrita literária se atém às experiências vividas para refletir criticamente sobre implicações sociais que impactaram sua trajetória, conforme fica evidente quando se estabelece um diálogo entre a narrativa de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1995) e os relatos de *O cemitério dos vivos* (1993). Em ambos os livros há o registro das reflexões que tentam compreender a trajetória de uma vida, partindo das expectativas iniciais, das decepções, dos fracassos, das desistências, mas, antes disso, a discursividade desses textos procura alcançar a capacidade de refletir sobre o que é experienciado. Nessa perspectiva, há uma integração entre autor e obra que remete ao ensaio. Trata-se de uma escrita que permite visualizar os efeitos das estruturas sociais sobre as trajetórias individuais, lançando o olhar sobre a forma como o indivíduo se compõe diante de tais interferências que se multiplicam no corpo social. Esta concepção de literatura, tão próxima da caracterização biográfica, se compreende pela junção entre alcance ficcional, teor documental e valor simbólico. Em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, o jovem jornalista Isaías reflete sobre sua trajetória em meio a escritores e jornalistas, sobre as decepções com o meio intelectual, sobre sua condição marcada pelo desajuste e desistência.

Vinha triste e com a inteligência funcionando para todos os fados. Sentia-me sempre desgostoso por não ter tirado de mim nada de grande, de forte e ter consentido em ser um vulgar assecla e apaniguado de um outro qualquer. Tinha outros desgostos, mas esse era o principal. Por que o tinha sido? Um pouco devido aos outros e um pouco devido a mim. (Barreto, 1995, p. 122)

Em *O cemitério dos vivos*, livro póstumo que organizou registros escritos por Lima Barreto enquanto esteve no cárcere do Manicômio São Pedro, há um relato quase idêntico, aproximando a trajetória do autor ao destino do personagem que havia criado doze anos antes:

- Você não foi aprendiz marinho?

Tive um desdém por todas as minhas presunções e filáucias, e até fiquei satisfeito de me sentir assim. Encheu-me de contentamento tirar a prova provada de que, na vida, não era cousa alguma; estava mais livre, e os ventos e as correntes podiam-me levar de pólo a pólo, das costas da África às ilhas da Polinésia... [...]

Havia-me preparado para todas as eventualidades da vida, menos para aquela, com que não contei nunca. Imaginei-me amarrado para ser fuzilado, esforçando-me para não tremer nem chorar; imaginei-me assaltado por facínoras e ter coragem para enfrentá-los; supus-me reduzido à maior miséria e a mendigar; mas por aquele transe eu jamais pensei ter de passar... Realizei, entretanto, o serviço até o fim, e foi com uma fome honesta que comi pão e tomei café (Barreto, 1993, p. 15 - 16).

Tais obras estão atravessadas por reflexões sobre a condição de escritor negro no Brasil pós-abolição, diante dos pressupostos que deveriam responder às exigências formais do meio literário, aos quais Lima Barreto não se adaptava por ter outra proposta de literatura. Tudo isso configurava o isolamento a que estava destinado. Essa propensão crítica da escrita de Lima Barreto compõe um trajeto que reúne reflexão individual sobre eventos cotidianos, revê concepções sobre a tradição literária e chega às indagações sobre conceitos filosóficos, ora apontando a decadência de algumas ideias, ora assimilando outras orientações. Ao empreender uma nova inscrição discursiva, tão próxima da história e dos estudos sociais, a escrita de Lima Barreto, em uma perspectiva para além da materialidade do texto, alcança a vivacidade discursiva do ensaio e sua função permanente de resistência, por meio de linhas de fuga que redimensionam as funções do texto literário e trazem, em seu viés ensaístico, uma estética do pensar.

O projeto estético de Lima Barreto almeja ocupar espaço no meio literário, sem adotar as mesmas fórmulas. Não se trata de uma negação de todas as referências. Lima Barreto lia os clássicos europeus e tinha por objetivo alcançar o grau de complexidade e de reflexão das grandes obras, mas o percurso deveria estar acompanhado das ideias que guiavam seu projeto de literatura com importância política e social. Se comparada à escrita literária desenvolvida no início do século XX, quando o cânone literário se formava na Academia Brasileira de Letras, a obra de Lima Barreto adquire tom de manifesto estético à procura de uma forma de transitar pela linguagem para apresentar uma nova feição para a literatura brasileira. O autor almejava que seus escritos fossem “exercícios para o bem escrever, com fluidez, claro, simples, atraente”,

direcionados “à massa comum dos leitores [...] sem fraseologia especial ou um falar abstrato”, preferindo que seus textos estivessem “ao alcance das inteligências médias com uma instrução geral, do que gastar tempo com obras só capazes de serem entendidas por sabichões tiranizados na sua inteligência” (Barreto, 1993, p. 4).

Lima Barreto, assim como Maria Firmina dos Reis, Cruz e Souza e Luiz Gama, trouxeram em seus textos os impactos das políticas que negaram à população negra a sua humanidade, e, a partir disso, apartaram direitos como a liberdade, o trabalho remunerado, a moradia, a educação formal; além de negar reconhecimento à participação de intelectuais negros/as na construção do saber e da cultura institucionalizada. Por se negarem a omitir as violências do racismo, escritores (as) negros (as) tiveram que enfrentar também o isolamento, conforme análise do pesquisador Cuti, Luiz Silva, no livro *Literatura negro-brasileira*:

Se Luiz Gama, Cruz e Souza e Lima Barreto exprimiram em alguns de seus textos o desconforto em face do preconceito racial nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras do século XX, o fizeram de forma isolada, afastados de qualquer organização coletiva como o mesmo sentido. Luiz Gama e Cruz e Souza atuaram em prol da abolição da escravatura ao lado de brancos liberais. Lima Barreto aproximou-se de correntes de esquerda que iniciavam suas atividades no Brasil. Entretanto, do ponto de vista literário, foram solitários, em especial no empenho de sua firmação racial e crítica ao racismo (Cuti, 2010, n.p.)

Em 2011, Cuti publica *Lima Barreto*, a biografia que, pela primeira vez, propôs leitura da vida e obra do autor a partir das implicações raciais, integrando a Coleção Retratos do Brasil Negro, da Editora Selo Negro. O crítico literário pesquisador considerou, em Lima Barreto, o trabalho de compor um projeto estético de importância política, como contribuição moral na denúncia e na reflexão profunda sobre as estruturas racistas que o empurravam para a condição de isolamento e sofrimento psíquico. Nas palavras de Cuti, “Lima Barreto experimentou um ângulo de visão social muito diferenciado em sua época no que diz respeito à produção de texto. De seu lugar pôde analisar aspectos da vida que só dali seria possível. O ‘lugar’ não é apenas espacial, mas sobretudo subjetivo” (Cuti, 2011, n.p.).

A escrita de Lima Barreto, pelo tom ensaístico das reflexões, expõe também as feridas impressas pelas barreiras que precisou romper para ser escritor. Como bem destaca o biógrafo Cuti:

O racismo é uma ideologia que necessita da constante disseminação de crenças que reforcem ideias e sentimentos de superioridade de determinado grupo social ou étnico. Omitir informações que possam reforçar a autoestima dos grupos dominados e, quando não for possível, manipulá-las a fim de impedir que exerçam tal finalidade é a tarefa mais comum da formação/informação a ser veiculada. (Cuti, 2011, n.p.)

Dessa forma, ao assumir esse papel político na literatura, a escrita de Lima Barreto adquire também uma função histórica, pois pretende difundir o registro de condições de existência a que as pessoas excluídas estão sujeitas devido à execução de um projeto de estado racista, gerando um contraponto com a história oficial. As estratégias de silenciamento seguem

agindo sobre a obra de Lima Barreto mesmo depois de sua morte, porém perdem a força a partir da década de 1940 “graças ao avanço e à diversidade dos estudos literários, bem como a luta contra o racismo travada nos vários campos do saber – em especial na antropologia e na sociologia – e pelas entidades negras” (Cuti, 2011, n.p.). O reconhecimento da obra literária de Lima Barreto se estabelece com a publicação das *Obras Completas*, em 1956, organizadas por Francisco de Assis Barbosa.

Afonso Henriques de Lima Barreto só será mesmo incorporado à chamada história da literatura brasileira, ao elenco de escritores brasileiros tidos como dignos de serem estudados e, assim, ao cânone da literatura brasileira, a partir da publicação, em 1956, pela editora Brasiliense, das *Obras completas*, organizadas por Francisco de Assis Barbosa com a colaboração de Antônio Houaiss e M. Cavalcanti Proença. Em 1952, Assis Barbosa publicara a primeira edição da biografia, realizada após vários anos de pesquisa (Rezende, 2016, p. 1).

Os estudos da obra de Lima Barreto, a exemplo daqueles desenvolvidos por Francisco de Assis Barbosa, Luiz Silva e por Beatriz Rezende, excedem o valor estrutural da obra, porque qualquer recorte puramente formal é uma contradição quando se trata de literatura. Ainda porque o que é da arte é do fluxo entre o humano e o mundo. A escrita de Lima Barreto está repleta de dados históricos da estruturação social, como em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Nessa obra, Lima Barreto expressa a consciência de que o saber, naquela sociedade, representava o mesmo poder estabelecido e de que havia todo um esforço político das elites para impedir o acesso das massas à educação formal. Isaías Caminha queria alcançar um ofício que lhe permitisse romper com os limites a ele impostos na sociedade.

Ah! Seria doutor! Resgataria o pecado original do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e onímodo de minha cor... Nas dobras do pergaminho da carta, traria presa a consideração de toda a gente. Seguro do respeito à minha majestade de homem, andaria com ela mais firme pela vida em fora. Não titubearia, não hesitaria, livremente poderia falar, dizer bem alto os pensamentos que se estorciam no meu cérebro (Barreto, 1995, p. 6).

Dados históricos são inseridos ao romance, a exemplo da visita do jovem Isaías à Câmara dos Senhores Deputados, a casa dos “augustos e digníssimos representantes da Nação Brasileira” (Barreto, 1995, p. 15). O personagem ficou para assistir a uma sessão, que logo se apresentou como a variação entre desordem e desinteresse por parte dos deputados. Na cena, são citados nomes de políticos da realidade política no país, como José Bonifácio Andrada, patrono da família que se perpetua no Congresso Nacional até o século XXI, o que reforça a importância da visão crítica inscrita nesse livro (Barreto, 1995). Na voz de Isaías Caminha, há críticas diretas aos intelectuais, às convenções conservadoras, aos políticos e também à filosofia positivista, responsável por validar projetos de apagamento da população negra:

Demais, ficava assombrado com a firmeza com que ele anunciava a felicidade contida no Positivismo e a simplicidade dos meios necessários para a sua vitória: bastava tal medida, bastava essa outra. [...]

Via-se que neles repousava a conversão dos espíritos. Não me esqueci que ele amava repetir que a Física, a Química, a Biologia, a Sociologia, todas as ciências e todo o esforço humano de qualquer ordem tinham preparado lentamente e tendiam para a religião da humanidade; era ela como a coroação, a cúpula do edifício do pensamento e dos sentimentos da humanidade (Barreto, 1995, p. 49).

Na obra de Lima Barreto, um fluxo reflexivo em tom ensaístico faz com que as divisões entre história e literatura, texto literário e texto crítico se tornem vias de encontro ligando esses campos de abrangência. Segundo Rancière, quando a história passa a fazer uso da indeterminação de toda palavra e se aproxima novamente da história ficcional e do romance histórico, dá origem ao conceito que Rancière chamou de “uma poética do saber”, que se compreende como um “estudo do conjunto dos procedimentos literários pelos quais um discurso se subtrai da literatura, dá a si mesmo um status de ciência e significa-o” (Rancière, 2014, p. 12). Por essa via de análise, o texto literário pode encarregar-se de uma função histórica, quando a história oficial omite ou distorce dados, diminuindo a importância de populações como existências complexas. A escrita de Lima Barreto assume-se como literatura que reflete e emite análise crítica da sociedade, sendo possível identificar a poética do saber pensada por Rancière. Este conceito considera que “a poética do saber se interessa pelas regras, segundo as quais um saber se escreve e se lê, constitui-se como um gênero de discurso específico” e procura por meio do próprio discurso “o modo de verdade a que ele se destina, sem lhe estabelecer normas” (Rancière, 2014, p. 12). A *poética do saber* não pretende diluir as especificidades dos pressupostos da história, política ou literatura, mas considerar “o caráter constitutivo dessa tripla articulação [...] na era que concebe a racionalidade de qualquer atividade de acordo com uma certa ideia de racionalidade científica” (Rancière, 2014, p. 12). Trata-se de um conceito que pretende apresentar novas dimensões para a historicidade, podendo resultar em uma discursividade propensa a reordenar a lógica diante dos fatos registrados (narrados). A literatura, dentro dessa linha de pensamento, representa uma inscrição discursiva capaz de integrar outros sentidos à experiência, tornando-se uma potência permanente. O texto literário torna-se uma forma de, pelo imaginário, selecionar conteúdos e vivências da realidade e fixá-los no tempo por meio da perenidade da linguagem escrita.

Portanto, se a obra de Lima Barreto, nesse momento da história, recebe a devida atenção por motivo principal da atualidade de seu pensamento, significa que sua literatura adquire ainda e novamente compromissos primordiais: despertar a reflexão sobre as possibilidades éticas da escrita literária; interferir na recomposição dos dados históricos e no desenvolvimento de uma nova racionalidade menos prescritiva, mais envolvida com a função da literatura na formação de uma consciência social.

Considerações finais

Este artigo, Lima Barreto cria seus próprios parâmetros para dizer o que diz sobre a desordem social e a precariedade moral da elite branca e racista. A escrita de Lima Barreto desloca o foco sobre as figuras representantes de privilégios cristalizados para redistribuir os

papéis e expor as condições ocultas dos movimentos pela manutenção do poder. Então, se o romance burguês privilegiava a assepsia de seu cotidiano, Lima Barreto desenvolve uma crítica direcionada a identificar a podridão desse cenário. A obra de Lima Barreto é o resultado franco de um exercício crítico diante da literatura que era produzida no início do século XX por incluir, em seus escritos, uma destinação política declarada, disposta a destacar na pauta literária os temas geralmente ocultados ou camuflados na sutileza dos discursos. Lima Barreto nega qualquer pretensão de abordar violências como detalhes nas entrelinhas. Os impactos da exclusão não lhe permitiriam tempo para as minúcias.

Referências

- Barreto, A. H. de L. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Ática, 1995.
- Barreto, A. H. de L. *O cemitério dos vivos*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1993. Domínio Público. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000151.pdf>>. Acesso em nov. 2024.
- Bosi, A. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cutrix, 2006.
- Carone, I. Breve histórico de uma pesquisa psicossocial sobre a questão racial brasileira. In: Carone, I.; Bento, M. A. S. (orgs). *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- Cuti, L. S. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- Cuti, L. S. *Lima Barreto*. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- Hall, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Organização de Liv Sovik; Trad. de Adelaine La Guardia. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.
- Rezende, B. Lima Barreto e a república. *Revista USP*, n. 3, 1989. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/65409/68026>>. Acesso em nov. 2024.
- Rezende, B. O Lima Barreto que nos olha. *Revista Serrote*, n. 21, 2015 Disponível em <<http://www.revistaserrote.com.br/2016/01/o-lima-barreto-que-nos-olha-beatriz-resende/>>. Acesso em nov. 2024.
- Nascimento, A. do. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978.
- Rancière, J. Uma batalha secular. In: *Os nomes da história: ensaio de poética e saber*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- Ribeiro, R. J. A dor e a injustiça. In: Costa, J. F. *Razões públicas, emoções privadas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- Weinberg, L. *Situación del ensayo*. Ciudad Universitária: Centro Coordinador y Difusor de Estudios Latinoamericanos. Universidad Nacional Autónoma de México. México, 2006.

Recebido em: 21/09/2025

Aceito em: 05/01/2026